



Rádio: o elo entre o interior e a capital do Amazonas¹

Ennas BARRETO²

Paola PAIVA³

Macri COLOMBO⁴

Faculdade Martha Falcão, Manaus, AM

RESUMO

O objetivo do artigo é mostrar que, em uma época onde a distância impede que os povos ribeirinhos usufruam de recursos tecnológicos, como os aparelhos celulares, o rádio assumiu o papel de levar informação e entretenimento aos lugares mais remotos do estado. Na mesma proporção que esse veículo tem importância na vida dessas pessoas, os correspondentes locais assumiram grande relevância e serviram, e servem até hoje, como ponte de informação entre o interior e a capital. Diante disso, surgiu o interesse de descrever o contexto histórico para compreender o tema abordado, além de ressaltar que o rádio é o meio mais acessível economicamente a todos. Assim sendo, foi necessária pesquisa de campo e bibliográfica, para chegar aos resultados citados no corpo do projeto.

PALAVRAS-CHAVE: história; radiojornalismo; entretenimento; capital; ribeirinhos.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo descrever o contexto histórico da radiodifusão, desde o seu surgimento nos Estados Unidos na década de 20, a trajetória da chegada ao Brasil em 1923, a implantação no Amazonas em 1939, e seus desafios até se tornar um meio de comunicação de massa. Detalhes dessa história revelam fatos, contadas por pessoas que viveram o nascimento deste veículo, que não são encontrados em bibliografias e que de fato são um marco para o estado.

A pesquisa fundamenta-se na relação do cotidiano dos povos ribeirinhos com a radiodifusão, seu uso, sua importância desde a chegada ao estado, até a atualidade.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Martha Falcão, email: ennasbarreto@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Martha Falcão, email: paolarpaiva@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Faculdade Martha Falcão, email: macricolombo@hotmail.com



Deste modo, vale ressaltar os lugares longínquos onde essa população reside que impedem o seu acesso às tecnologias do mundo contemporâneo. Àqueles que possuem certo poder aquisitivo para adquirir alguns desses meios, enfrentam obstáculos para usufruir, quanto ao sinal, que esses veículos precisam para funcionar.

E este é o diferencial da radiodifusão em comparação aos demais meios. Sua acessibilidade, linguagem e principalmente o seu baixo custo, aumentam a audiência heterogênea e anônima. Daí a responsabilidade dos comunicólogos, por ter ciência e fazer parte do cotidiano de pessoas em diferentes graus de instrução, cultural, social e econômico, com o compromisso de transmitir a informação de maneira clara e objetiva.

Por fim, também abordaremos neste projeto o motivo pelo qual “a radiodifusão sonora faz parte de grande parte da população” (FERRARETO, 2001, p.22). Assim como a importância do correspondente local, um funcionário que é enviado por uma emissora a lugares distantes para servir de voz para a população ribeirinha.

HISTÓRIA DO RÁDIO

Desde o seu processo de criação e após ser patenteado pelo italiano Guglielmo Marconi, em 1895, o rádio já era visto como uma grande revolução. Porém, foi do empresário norte-americano, David Sarnoff, a idéia de transformar o aparelho em um meio de comunicação de massa; que anos mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, mostraria a sua verdadeira importância.

Em 02 de novembro de 1920, o rádio fazia as suas primeiras transmissões oficialmente. (FERRARETO, 2001, p.88)

Em plena disputa econômica e pelo controle das comunicações, o rádio surgiu.

No início da década de 20, a indústria norte-americana disputa o controle das cartas patentes necessárias, à implementação das comunicações por ondas eletromagnéticas. A produção que crescera durante a Segunda Guerra Mundial, corria riscos por falta de demanda. A rádiodifusão sonora aparece como uma saída economicamente viável. (FERRARETO, 2001).



A primeira emissora comercial a entrar no ar foi a KDKA, em Pittsburgh no dia 2 de novembro de 1920, de onde foram feitas as transmissões jornalísticas, com o resultado das eleições em que Warren G. Harding vencida James M. Cox, nos Estados Unidos.

A partir deste momento, o rádio não se tornava apenas um meio de comunicação, mais uma forma de sobrevivência para os países que o disputavam. Sua disseminação pelo mundo foi instantânea em países como Austrália, Japão e na Argentina. E se tornava conhecido pelo mundo a fora. Enquanto isso no Brasil, mas precisamente no Amazonas, vivia-se a decadência da extração da borracha.

O estado que no final do século XIX, viveu o auge da exploração da seringueira com o surgimento do carro na mesma década, o que aumentou o consumo de látex e onde concentrava a maior quantidade de extração do país.

No final da década de 10, o estado tinha um surto de urbanização originário da exploração da seringueira. Sua capital Manaus passava por um processo de transformação, social, cultural e econômico, deixava de ser a aldeia e tornava-se a cidade moderna no meio da floresta.

Com os recursos financeiros adquiridos através da exportação do produto, surgiam as grandes construções, bancos, magazines, palacetes, boulevards, praças e monumentos, juntamente com o ‘Teatro Amazonas’, ícone de toda esta modernidade

A modernidade em Manaus não só substitui a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também transforma a paisagem natural, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração. (Dias, 1998).

Apesar de tanta riqueza na *Belle Epoque* Amazônica, a comunicação com os grandes centros do país era difícil, sem energia, o único meio era a navegação a remo ou a vela. E devido a extensão dos rios amazônicos as informações demoravam chegar ao seu destino.

Nessa época, era comum encontrar viajantes responsáveis por levar as notícias através de cartas, relatórios e encomendas levados a diferentes lugares onde o rio



permitisse chegar. Iam da capital para os seringais, cidades próximas a Manaus e até outros estados, nesse tempo já se reconhecia, o correspondente.

Esse meio de comunicação o era mais utilizado, principalmente pelas elites, os chamados donos dos seringais e pelos europeus que ali chegavam em busca do “ouro”.

Mas em pleno apogeu da exploração da goma, no ano de 1910, empresários holandeses e ingleses passavam a cultivar e extrair em grande escala e custos baixo o látex. A partir daí o Brasil entrava em decadência e logo o estado amazonense também. Manaus amargou tempos difíceis. Era o fim do ciclo da borracha no Brasil. Muitas cidades se esvaziaram. (Fonseca, 2006).

Alguns empresários donos dos seringais na tentativa de evitar o declínio do estado começaram o cultivo de plantações de fazendas de gado e de café, mas não foram suficientes para aumentar as verbas, e tirar o estado da crise. (Fonseca, 2006).

Enquanto o Brasil via seu maior produtor de látex entrar em declínio, a Alemanha inaugura sua primeira rádio comercial no dia 29 de outubro de 1923, três anos após os Estados Unidos.

Foi nesse compasso econômico que o rádio chegou ao Brasil.

HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL

A primeira transmissão de rádio feita no Brasil foi realizada em Recife, no dia 6 de abril de 1919, com a Rádio Clube Pernambuco, sem muita frequência, e sem continuidade do projeto. O que gera polêmica até os dias de hoje quanto ao pioneirismo da radiodifusão no país.

Mas é ao grupo liderado por Edgar Roquette-Pinto, “o pai do rádio brasileiro” e Morize que em 20 de abril de 1923 com o *slogan* “Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”, fundaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. (FERRARETO, 2001), que se dá o pioneirismo da radiodifusão sonora brasileira.

Nesta data, os pioneiros da radiodifusão sonora brasileira reuniram-se na sede da Academia de Ciências, em 20 de abril de 1923, fundando a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. (FERRARETO, 2001).

A primeira transmissão aconteceu no dia do Centenário da independência, as pessoas presentes testemunhavam o grande marco histórico para o país, as transmissões



eram ouvidas através de auto-falantes. Dentre as transmissões daquele dia estavam os discursos do então presidente da República, Epitácio Pessoa, e também trechos de *O Guarani* de Carlos Gomes apresentado no Teatro Municipal. (FERRARETO, 2001).

O país já capitalista, com o surgimento de novas tecnologias, o descontentamento dos militares com a corrupção e o nascimento do movimento sindical, para FERRARETO (2001), Roquete-Pinto usava o rádio como instrumento de transformação educativa. A programação se tornava diversificada na intenção de atingir todas as classes sociais, com a finalidade de causar um interesse da população pelo rádio; eram transmitidos desde notícias, a conferências literárias, artísticas e científicas, números infantis, poesia, música vocal e instrumental.

Assim o rádio se tornava um dos poucos entretenimentos de muitas pessoas na época. Tanta diversidade na estação trouxe entrevistados ilustres como físico alemão Albert Einstein.

Ferrareto (2001) destaca que com os avanços técnicos foi possível que o rádio perdesse sua bidirecionalidade transformando-se em um meio de comunicação unidirecional.

Mas apesar do esforço feito Roquete-Pinto, para expandir o novo veículo, nos primeiros anos o rádio não atingiu a grande massa.

Na primeira meta de dos anos 20, portanto, o Brasil ainda não havia despertado para as potencialidades de lucro do rádio a partir de uma programação financiada pela venda de espaço publicitário”. (FERRARETO, 2011)

A publicidade lucrativa ganharia espaço no rádio, anos depois com a Rádio Clube do Brasil, fundada em 1º junho de 1924 por Elba Dias, auxiliar técnica da Rádio Sociedade. Foi nesta emissora também que surgiram os primeiros comunicadores programistas. (FERRARETO, 2001)

Com o governo do então presidente Arthur Bernardes, em 1924 foi dada a permissão para Rádio Clube do Brasil e a Rádio Sociedade fazerem suas transmissões livremente no país. Começava a grande disputa entre as emissoras, quem possuía maior desenvolvimento técnico, *status* e popularidade.

Mas somente na década de 30, surgem emissoras em diversos estados brasileiros.



Na mesma época, descreve FERRARETO (2001), os estudantes revolucionários percebem que a rádio seria um eficiente instrumento para demonstrar a insatisfação com o governo Getúlio Vargas. Surgi então um grande espaço na rádio cedido para finalidade política. “A radiofusão serve para consolidar uma unidade nacional necessária à modernização do país e para reforçar a conciliação entre as diversas classes sociais”. (FERRARETO, 2001, p. 107)

Em 1940, a rádio viveu o seu auge, conhecido como “A Era do Ouro”. Na programação havia as radionovelas, os programas de auditório e humorístico, que nessa época reservavam um espaço maior para o esporte e a publicidade.

Grandes ídolos surgiram nessa época, como Silvio Caldas, Carlos Galhardo, Vicente Celestino. Essa também foi a década da glória das rádio-novelas, dos programas de auditório e humorístico.

Um novo caminho começa a se estruturar, baseado no Jornalismo, no esporte e no serviço à população. O grande sucesso do rádio chega aos outros estados e se consolidando nos anos 50,60, 70, 80 e até os dias atuais.

HISTÓRIA DO RÁDIO NO AMAZONAS

A era do Rádio no Amazonas, começou a partir de 7 de setembro de 1939, quando Lizardo Rodrigues fundava em sua residência, com um pequeno transmissor, a Rádio Baré, antiga rádio Baricéia.

Mas foi em 1945, que o jornalista Souza, recebia de Assis Chateaubriand a responsabilidade de dirigir a primeira rádio do Amazonas. Já fazendo parte da grande cadeia dos Diários e Emissoras Associadas do Brasil, a Rádio Baré realizava transmissões até então inéditas no estado.

Surgiam programas de comédias e as rádios-novelas. Porém, uma das maiores características da emissora, na época, era o espaço dado ao interior do estado. O programa “Avisos para o interior” era o único elo entre a capital, as cidades pequenas e as áreas mais remotas do estado.

A Baré vivia a “Era de Ouro” do rádio, quando em 24 de novembro de 1948, surgia a Rádio de Difusora do Amazonas, com a voz do fundador Josué Cláudio de Souza anunciando “*Está no ar a Rádio Difusora do Amazonas, estação ZYS-8, a mais poderosa da planície e a mais querida de Manaus, operando na frequência de 4.805 kilociclos, ondas intermediárias de 62,40 metros*”.



A Difusora trazia consigo além da experiência de Josué Claudio, o apoio de sua esposa Maria da Fé e de amigos e logo recebeu a concessão dos Correios e Telégrafos para colocar em prática a tão sonhada emissora de rádio, inicialmente chamada Rádio Rio Negro.

Durante o pesadelo da Ditadura Militar a Difusora “A emissora do povo”, se calou por diversas vezes, sendo penalizada pela censura da época. Mesmo durante os tempos difíceis, a emissora seguia os passos da pioneira, a Rádio Baré, em dar voz a quem necessitava. Como os serviços de correios e telégrafos eram reconhecidamente precários e a comunicação telefônica para o interior não passava de um sonho, as ondas potentes da Difusora alcançavam os mais distantes pontos do nosso estado, transmitindo mensagens ansiosamente aguardadas pelos amazonenses ribeirinhos. (VIEIRA, 2011).

Na década de 50, a imprensa amazonense se descobria. Os mesmos proprietários do “Jornal e Diário da Tarde”, o comerciante Charles Hamú e os irmãos Aginaldo e Aluysio Archer Pinto, fundaram, em 15 novembro de 1954, a Rádio Rio Mar, que se destacava por ser a primeira estação de onda média a ser instalada no Amazonas, possibilitando ao caboclo do interior ouvir a emissora em qualquer lugar. Pois as duas existentes até o momento, Rádio Baré e Difusora, operavam somente em onda tropical, com o sinal limitado.

Em 1962, ainda sob a responsabilidade dos sócios, Charles Hamú, Gilberto Mestrinho e Plínio Coelho, a rádio passou a ser também instrumento de evangelização e o Arcebispo Metropolitano de Manaus, Dom João de Souza Lima, que adquiriu a emissora em nome da Arquidiocese.

A emissora enfrentou muitos problemas, inclusive com o estúdio no Edifício Iapetec, e os transmissores em São Raimundo, os fios telefônicos atravessavam o igarapé de São Raimundo para chegar aos transmissores.

Com a cheia do rio, as embarcações mais altas ou os ventos fortes acabaram derrubando os fios transmissores. O que fez com que diversas vezes a rádio ficasse fora do ar, o que era resolvido com a contratação de catraieiros para esticar o fio e pô-lo no devido lugar. O que obrigou a passar por grandes mudanças, desde seu quadro de pessoal, aos departamentos de radiojornalismo e de esporte, além da criação de um “cast” de cantores e instrumentistas. Programas como Balança Mas Não Cai, Praça da Alegria e outros, além de uma resenha esportiva, marcaram a história da Rio Mar. (ZAMITH, 2011).



Os programas de entretenimento eram o que prendiam os ouvintes e aumentavam a disputa pela audiência. Foram feitos grandes investimentos para agradar os ouvintes. As cantoras Guiomar Cunha e Kátia Maria Música eram a grande novidade nas rádios Difusora e Rio Mar, que abriam as portas, corações e janelas, levantando o astral de quem se encontrasse triste, rio Amazonas a fora. Enquanto na rádio Rio Mar, brilhava José Azevedo, o protagonista do teatro na emissora, contribuindo simular e preciosamente na história da dramaturgia na radiodifusão do Estado. (BAZE, 2011)

O rádio acompanhou todos os avanços tecnológicos impostos pelo surgimento da televisão e a internet. E por ser um veículo de comunicação de acesso à todas as pessoas, como define Roquette-Pinto, para se ouvir rádio não precisa saber ler, nem escrever, basta ouvir e entender a informação, realidade para as pessoas que moram no interior do estado.

Em comunidades rurais do Amazonas, onde é improvável haver outro meio de comunicação que não seja a rádio, se tornou essencial e de utilidade pública até hoje: os "Avisos para o Interior". A única ligação entre as cidades e as regiões mais remotas.

Familiares da capital e de outros municípios (assim como antigamente) ainda mandam suas mensagens e recomendações, sobre tudo que se possa imaginar. De dentaduras esquecidas em cima do pote a outras mais sérias, como enfermidade de parentes. (SIMÕES, 2011).

Não muito diferente dos programas de melodia da década de 40, a programação das rádios atuais costumam dar espaço aos oferecimentos musicais. Que além dos “avisos” é o grande elo entre os ouvintes distantes. Pois é comum ligar para a rádio e pedir ao locutor que dedique alguma música aos entes queridos, amigos ou namorado (a). Além de mandar bilhetinhos com frases engraçadas e filosóficas, para serem lidos pelo radialista, em comemoração ao aniversário de alguém.

A rádio dá muita liberdade à população e permite que ela se exponha da maneira que bem entender. São inúmeras as situações peculiares, onde o ouvinte liga ou manda bilhetes com frases bizarras, que nem esta citada por Simões (2011), “Pra você Tânia que está aniversariando no dia de hoje, aquele que você não alisou e meteu chifre a vontade, oferece a melodia, nada como um dia atrás do outro.”

O ouvinte das regiões mais remotas sabe que terá os seus pedidos atendidos na rádio, pois mesmo sendo analfabeto, tem a opção de que terceiros escrevam uma carta



para ser lida em um programa ao vivo. A audiência vem do pescador, a dona de casa, agricultor aos estudantes nos municípios.

Não apenas de entretenimento vive o ouvinte do interior. O rádiojornalismo está presente nas transmissões diárias. Ouve-se rádio para saber a hora certa, para saber algum comunicado local, nacional, entre outras informações. No sentido de levar informações dessas localidades distantes da capital, as maiorias das estações de rádio do Amazonas possuem seus correspondentes locais, que estão lá não apenas para representar cada emissora, mais para ser um porta-voz daquele local. (LOPES, 2011)

São os correspondentes que usam o rádio para levar os fatos importantes até a capital, como enchentes, secas, pragas, naufrágios, acontecimentos muito comuns nesses locais. São responsáveis por levar solicitações, reclamações destas pessoas até as autoridades.

Grandes reportagens já foram feitas por correspondentes. Como os festivais, no caso de Parintins Festival Folclórico e Itacoatiara Festival da Canção. Um grande espaço é dado ao esporte como relata o radialista Marcio Lopes da Difusora de Itacoatiara.

Sempre demos importância, não apenas para os acontecimentos no município de Itacoatiara como também aos municípios vizinhos, os que não possuem uma rádio. O que nos dá maior audiência é o esporte, o país do futebol está se rendendo as outras modalidades e nossa juventude colabora para isso. Daí a grande importância do rádio na vida dos ribeirinhos. Não apenas para levar dos sucessos antigos que o vovô gosta, aos sucessos atuais que a garotada adora, mas também a credibilidade que temos junto a esse povo. Vivemos deles e para eles. Tenho certeza que sem o rádio muitos seriam desconhecidos em pleno século XXI. (LOPES, 2011).

De acordo com VIEIRA 2011, locutor da Rádio Difusora, devido a distancia e difícil acesso até as comunidades e municípios do Amazonas, não seria possível fazer grandes coberturas sem os correspondentes. Não muito diferente do que ocorre na capital, pois quando se pretende cobrir algum fato noticioso, é só mandar um repórter e fazer a cobertura.



Por isso, o rádio é o meio de comunicação favorito dos ribeirinhos, não só por ser o porta-voz, mas por ser o único estar ao alcance dessa população.

AQUINO (2011), conta que apesar da distância eles possuem celulares, porém na maioria das vezes não tem sinal. Mas é pelo rádio que recebem as informações sobre o Bolsa Família, o Enem, Campanha de Vacinação e outros comunicados importantes. Ele ressalta ainda que por ser barato a maioria das pessoas na comunidade possuem um rádio, principalmente por poderem levá-lo a qualquer lugar, como na pesca ou na roça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados obtidos através das pesquisas, podemos comprovar que a rádio na vida dos povos ribeirinhos é de extrema importância. Sem demais exigências, a rádio está cumprindo com seu papel, de levar informação e entretenimento e a atender as necessidades de seus ouvintes.

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (FERRARETO, 2001, p. 97)

Daí a necessidade de conhecermos a história do rádio, das suas dificuldades para alcançar a grande massa, passando pela sua era de ouro à atualidade.

Da importância de se ressaltar o desenvolvimento do rádio ao acompanhar a tão propalada era da tecnologia. Que apesar dos grandes inventos da modernidade continua, e diante os resultados, continuará por muito tempo, na maioria das residências dos ribeirinhos. Já se passaram alguns anos desde o surgimento da web rádio, mas lá nos lugares mais remotos do Amazonas, é como se isso ainda não tivesse sido inventado.

Além disso, pudemos constatar que os correspondentes locais, auxiliam a rádio para a sua grande importância. E com ética, conseguem responder a todas as expectativas de uma profissão que exige, aos que são enviados à lugares distantes, deixar na capital, sua família e sua vida toda, em prol dos mais carentes de conhecimento e informação.

Todas essas pesquisas, principalmente a bibliográfica, serviram para conhecer melhor a história do nosso estado, que infelizmente, não está disponível em bibliotecas



públicas, ou, apenas se perdeu dentro de livros deteriorados com o tempo. Indo a campo foi possível resgatar histórias com a lembrança de renomados historiadores e radialistas da nossa região, que vivenciaram os principais momentos da rádio no Amazonas.

REFERÊNCIAS

BAZE, Abrahim. Jornalista, historiador e diretor do Instituto Cultural da Rede Amazônica, 2011. (Entrevista concedida à Paola Rolim Paiva e Ennas Barreto da Silva).

DIAS, Edinéia M. *Manaus 1890-1920: a ilusão do fausto*. Manaus: Valer, 1998.

FERRARETO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2001.

FONSECA, Ozório. *Amazonidades-Bele Époque p'ra quem*. Manaus: Valer, 2006.

LOPES, Márcio. Locutor da Rádio Difusora de Itacoatiara, 2011. (Entrevista concedida à Paola Rolim Paiva e Ennas Barreto da Silva).

SIMÕES, Edson. Presidente do Sindicato dos Radialistas de Maués, 2011. (Entrevista concedida à Paola Rolim Paiva e Ennas Barreto da Silva).

VIEIRA, Jurandir. Locutor da Rádio Difusora, 2011. . (Entrevista concedida à Paola Rolim Paiva e Ennas Barreto da Silva).

ZAMITH, Carlos. *Bau Velho: Rádio Rio – 56 Anos*. Manaus, 2010. Disponível em: <http://www.bauvelho.com.br/?tag=radio-rio-mar>. Acesso em: 19 Out. 2011.